

ENSAIO TEÓRICO

A narrativa como tema de estudo da Aquisição da Linguagem à luz da perspectiva aquisicional enunciativa

Marlete Sandra DIEDRICH 
Universidade de Passo Fundo (UPF)

RESUMO

Este artigo focaliza o estudo da narrativa como tema da área da Aquisição da Linguagem na perspectiva aquisicional enunciativa. O objetivo da proposta é refletir sobre as contribuições que o estudo da narrativa sob enfoque dessa perspectiva pode apresentar para a compreensão da historicidade da criança na linguagem, o que envolve a aquisição da língua materna. São questões centrais na discussão apresentada as noções de língua sistema e língua-discurso, assim como as operações enunciativas vivenciadas pela criança na aquisição da língua materna. Os resultados da reflexão realizada, com o apoio de um dado ilustrativo, apontam para a narrativa como importante manifestação discursiva que propicia à criança tecer redes de relações entre formas e sentidos da língua-discurso. Essas redes são decorrentes das relações intersubjetivas estabelecidas na historicidade da criança na linguagem, via operações de referência e correferência.

ABSTRACT

This paper focuses the narrative's study as a topic in the area of Language Acquisition from an enunciative acquisitional perspective. The aim of the proposal is to reflect on the contributions that the narrative's study from this perspective can present to the comprehension of the child's historicity in language, which involves the acquisition of the native language. The notions of system language and language-discourse are core questions in the discussion presented, as well as the enunciative operations



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne Cavalcante (UFPB)
- Alessandra Del Ré (UNESP)
- Christelle Dodane (U PARIS 3)

AVALIADO POR

- Alessandra Jacqueline Vieira (UFRGS)
- José Temístocles Ferreira Júnior (UFRPE)

DATAS

- Recebido: 30/10/2023
- Aceito: 08/02/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Diedrich, M. S. (2024). A narrativa como tema de estudo da Aquisição da Linguagem à luz da perspectiva aquisicional enunciativa. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 645-659, 2024.

experienced by the child in acquiring their mother tongue. The results of this reflection, with the support of illustrative data, point to the narrative as an important discursive manifestation that allows the child to weave networks of relationships between forms and meanings of the language-discourse. These networks are the results from intersubjective relationships established in the child's historicity in language, through reference and coreference operations.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa. Perspectiva aquisicional enunciativa. Historicidade.

KEYWORDS

Narrative. Enunciative acquisitional perspective. Historicity.

RESUMO PARA NÃO-ESPECIALISTAS

Este artigo é composto de reflexão sobre as contribuições que o estudo da narrativa sob enfoque da perspectiva aquisicional enunciativa pode apresentar para a compreensão da aquisição da língua pela criança. Para tanto, o trabalho discute noções conceituais advindas dos estudos de Émile Benveniste acerca de língua sistema e língua-discurso, e focaliza as operações enunciativas vivenciadas pela criança na aquisição da língua materna. A proposta mapeia conceitos e operações para situar a narrativa nessa perspectiva teórico-metodológica e, a partir disso, explicitar as contribuições do estudo para a área da Aquisição da Linguagem. Os resultados apontam para a narrativa como importante manifestação discursiva que permite à criança tecer redes de relações entre formas e sentidos da língua em situações de uso.

Introdução

Este artigo apresenta a proposição de um enfoque enunciativo para o estudo da narrativa como tema da área de Aquisição da Linguagem. O objetivo é refletir sobre as contribuições que o estudo da narrativa sob esse enfoque pode apresentar para a compreensão da historicidade da criança na linguagem. A historicidade é concebida, segundo Silva (2009), como decorrente da história de enunciações, por meio da qual a criança constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem. É sabido que, ao longo do desenvolvimento dos estudos de Aquisição da Linguagem, o tema da narrativa ocupou lugar de destaque para muitos

pesquisadores. Fora do Brasil, registramos, entre tantos outros, o trabalho de William Labov (1997) e de Frédéric François (2004), autores que se dedicaram a pensar o tema, em perspectivas distintas entre si e também distintas da que estamos propondo aqui, mas que, sem dúvida, influenciaram muitas pesquisas. Já, no Brasil, muitos foram os trabalhos desenvolvidos sobre o tema, mas damos destaque ao estudo de Perroni (1992), decorrente da sua tese de doutoramento, realizada sob orientação de Claudia De Lemos. Perroni abordou o tema numa perspectiva sociointeracionista, com o objetivo de descrever e explicar o processo do desenvolvimento do discurso narrativo a partir de dados de crianças na faixa etária de 2 a 5 anos de idade. Lembramos também o trabalho de Saleh (2000), cuja tese de doutoramento, com orientação de Maria Fausta Pereira de Castro, tem como enfoque o tema da representação nas narrativas infantis na rede de relações entre textos através dos quais a criança significa o vivido. Sem dúvida, essas investigações contribuíram, dentro daquilo a que se propunham a investigar, para que a área da Aquisição da Linguagem reconhecesse importante lugar para o tema. Nesse sentido, é importante também evocarmos as pesquisas de De Lemos (1995). A autora, ao refletir sobre o discurso narrativo, defende a ideia de que o estudo da língua e do discurso não precisam ser dissociáveis, premissa que se coaduna com o pensamento da autora acerca da importância de os estudos aquisicionais contemplarem em suas investigações o discurso. Sendo assim, De Lemos (1995) vê o discurso narrativo como importante manifestação de linguagem que atesta as mudanças de posição da criança frente à língua. Com esses breves comentários, não temos a pretensão de apresentarmos um mapeamento dos estudos sobre narrativa na Aquisição da Linguagem, mas buscamos mostrar que o interesse pela temática já se mostra consolidado como tema no universo dos estudos aquisicionais, principalmente sob enfoques da dimensão discursiva, o que, certamente, nos abre um caminho significativo para o que estamos propondo.

No entanto, é importante que deixemos claro que, neste artigo, trazemos nossa proposta de pesquisa sobre o tema à luz da perspectiva aquisicional enunciativa, conforme inaugurada por Silva (2009), em obra decorrente de sua tese de doutoramento, realizada sob orientação de Valdir do Nascimento Flores. Nossa filiação a essa perspectiva implica um novo olhar para a narrativa nos estudos da aquisição da língua pela criança. Esse novo olhar envolve duas questões centrais, as quais fundamentam nossa reflexão neste artigo. A primeira dessas questões é a definição do lugar da narrativa nos limites de uma abordagem aquisicional enunciativa, o que inclui a explicitação do conceito de narrativa com o qual trabalhamos. A segunda dessas questões, intimamente ligada à primeira e dela derivada, diz respeito às contribuições que o estudo proposto pode apresentar para a área da Aquisição da Linguagem. Sendo assim, são essas duas questões fundamentais que definem a organização deste texto. Na seção subsequente a esta Introdução, dedicamo-nos a refletir acerca da relação da narrativa com os princípios teórico-metodológicos que conduzem a pesquisa no terreno aquisicional enunciativo. Para tanto, pautamo-nos na discussão de Benveniste (1989, 2005) sobre a propriedade simbólica da linguagem e na proposição do autor acerca da relação entre os universos da língua como sistema de signos e da língua na comunicação viva, no discurso; e na proposta de Silva (2009), na qual ganham relevância as operações vivenciadas pela criança no ato de aquisição da língua. Por fim, tecemos nossas considerações finais, as quais assumem um tom prospectivo.

1 O estudo da narrativa como tema da área da Aquisição da Linguagem numa perspectiva aquisicional enunciativa

Como aprendemos com Saussure (2012), é fundamental que embasemos nosso olhar de investigadores a partir de um determinado ponto de vista. Sendo assim, o que fazemos, nesta seção, é buscar definir o lugar da narrativa como tema de estudos na perspectiva aquisicional enunciativa. Para isso, apoiamo-nos em princípios que possam conduzir nosso olhar de pesquisadora a partir da concepção enunciativa da qual se derivou a perspectiva aquisicional a que nos agregamos. Fazemos isso numa espécie de volta ao princípio de tudo, às definições de linguagem, língua sistema e língua-discurso, enunciação, no universo de estudos benvenistianos, uma vez que entendemos ser fundamental termos essas noções dadas e explicadas, porque acreditamos que, dessa forma, podemos situar o estudo da narrativa na perspectiva teórica que assumimos e entender seu lugar na Aquisição da Linguagem.

Primeiramente, deixemos explícito que, para Benveniste (2005, p. 20), a linguagem é “uma faculdade humana, característica universal e imutável do homem, e, portanto, difere das línguas nas quais se realiza”. Essa faculdade humana é definida, para o autor (1995, p. 27), a partir da propriedade simbólica, a qual é “inerente à condição humana” e presente desde cedo na criança. Segundo o linguista (1995, p. 28), é na propriedade simbólica da linguagem que se encontra o “fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora”. Ou seja, toda atividade humana na linguagem só é possível em função de tal propriedade, pois não há relação direta entre o homem e o mundo, somente via linguagem é que se dá essa mediação, na associação entre pensamento e as categorias da língua, as quais se estabelecem em dois domínios: a) o semiótico, domínio dos signos, em que a relação entre forma e sentido se encontra na relação entre significante e significado, na dimensão do intralinguístico. Nessa dimensão, signos são reconhecidos e as unidades da língua são distintas entre si; b) o semântico, domínio da língua em emprego, envolvendo a sintagmatização das palavras no discurso, na dimensão do extralinguístico.

Com a proposição desses dois domínios, semiótico e semântico, entendemos que o conceito de língua, para o autor, assume diferentes significados, dos quais nos ocupamos aqui. A língua vista no domínio do semiótico está atrelada à concepção saussuriana de sistema de signos, caracterizada pela função distintiva, segundo a qual os signos são reconhecidos como unidades distintas no sistema. Nesse sentido, as unidades da língua se opõem entre si pelas suas características distintivas. Já a língua vista no domínio do semântico revela uma concepção voltada para o discurso, na comunicação viva, uma vez que este domínio envolve a intersubjetividade entre *eu* e *tu* e a operação de referência, por meio da qual a língua estabelece sentidos particulares em uma determinada situação específica. Nesse modo de ver a língua, cindida em dois domínios, a frase revela dupla propriedade: “[A frase] É, porém, uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo, sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação” (BENVENISTE, 2005, p. 140). A frase, nessa concepção, é vista como unidade a partir da qual se deixa

o domínio da língua como sistema de signos e se entra no discurso. Justamente por isso Benveniste (2005) apresenta a frase como analisável tanto pelo locutor quanto pelo linguista:

Vemos nessa dupla propriedade da frase a condição que a torna analisável para o próprio locutor, **a começar pela aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar e pelo exercício incessante da sua atividade de linguagem em todas as situações**. O que se torna mais ou menos sensível para ele é a diversidade infinita dos conteúdos transmitidos, em contraste com o pequeno número de elementos empregados. (BENVENISTE, 1989, p. 140, **negrito nosso**)

Segundo Benveniste (1989, p. 140), é no seio da frase que o locutor se familiariza com o sistema linguístico e com a noção de signo como “unidade mínima da frase susceptível de ser reconhecida como idêntica num meio diferente, ou de ser substituída por uma unidade diferente num meio idêntico”. Trata-se da relação do falante com o signo sob espécie de palavra no exercício do discurso. Ora, essa importante reflexão benvenistiana, em consonância com outras ponderações do autor acerca da mobilização das formas e sentidos da língua no discurso, nos permite pensar numa concepção de língua decorrente da relação entre os domínios semiótico e semântico, a *língua-discurso*. A expressão advém do próprio linguista (BENVENISTE, 1989, p. 229), ao discutir a forma e o sentido na linguagem, e nos remete à ideia de língua como sistema de signos atualizado na particularidade do discurso.

São essas concepções de linguagem e língua que fundamentam a abordagem enunciativa benvenistiana que nos inspira. Nessa abordagem, a enunciação é entendida como ato do qual decorre o discurso: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de apropriação” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Na esteira dessa definição, ganha destaque a figura do locutor¹: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84). Decorre desse raciocínio a ideia de enunciação como apropriação individual da língua pelo locutor em relação a um outro, na relação intersubjetiva. É sempre na relação de intersubjetividade que o locutor se apropria da língua para a expressão de uma certa relação com o mundo - a referência.

Nesse ponto da reflexão, faz-se necessário e possível situarmos a narrativa no escopo dos estudos enunciativos. Fazemos isso por nossa conta, uma vez que desconhecemos, no universo das obras benvenistianas, algum trabalho específico sobre o tema. O que encontramos em dois textos do autor, após buscas realizadas pelo termo “narrativa” em *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I) e *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II)² são menções ilustrativas à narrativa³, mas não nos parece que há um interesse em relação a este tema como objeto de pesquisa por parte do linguista em questão.

¹ Locutor, segundo o Dicionário de Linguística da Enunciação, é definido como “indivíduo linguístico cuja existência se marca na língua toda vez que toma a palavra” (FLORES et al., 2012, p. 157).

² Certamente que a obra de Benveniste não se encontra completamente representada nesses dois volumes citados, uma vez que temos conhecimento do quanto a produção do autor é vasta; no entanto, acreditamos que a perspectiva aquisicional enunciativa se vale mais do que se encontra nos textos desses dois volumes do que em outras obras do autor, apesar de podermos tecer relações também com essas outras.

³ Destacamos menção explícita ao termo “narrativa” no texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da Linguística* e no texto *As relações de tempo no verbo francês*, os dois textos publicados em PLG I.

Sendo assim, derivamos da compreensão que fazemos das concepções benvenistianas brevemente explicitadas até aqui a ideia de que a narrativa se situa no discurso e de que, no seu interior, concorre a atualização do acontecimento via atitude do locutor em relação à língua e em relação ao outro. Entendemos assim que a narrativa pode ser vista como uma “forma complexa do discurso” (Cf. BENVENISTE, 1989, p. 90). Essa concepção, apresentada por Diedrich (2022) e aprofundada por Silva e Diedrich (2022, p. 12), em reflexão que as autoras fazem acerca dos movimentos linguístico-enunciativos da criança desde as formas embrionárias até as formas complexas do discurso, tem se revelado bastante produtiva. Assim, afirmamos que “a narrativa é uma forma complexa do discurso resultante do ato enunciativo de narrar, por meio do qual o acontecimento, real ou imaginário, é reproduzido, e para o qual concorre a atualização de formas e de sentidos da língua-discurso” (DIEDRICH, 2022, p. 134). A menção à “forma complexa do discurso”, por Benveniste (1989, p. 90), ocorre ao final do texto já citado aqui, *O aparelho formal da enunciação*: “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui”. O linguista afirma isso após discorrer sobre os tantos desdobramentos a serem estudados no contexto da enunciação, tendo referido a fraseologia como marca da oralidade, além da enunciação falada e da enunciação escrita. Nada mais esclarece o linguista acerca do que entende por “forma complexa do discurso”. Diversos autores já discutiram essa questão, como Flores e Teixeira (2013), Flores e Endruweit (2013), para destacar alguns. De nossa parte, interpretamos o conceito de complexidade como a característica das unidades formadas por outros elementos, a elas internos e cujo funcionamento é interdependente. Entendemos, assim, a narrativa como “forma complexa do discurso”, porque ela mobiliza, na sua constituição, outros elementos enunciativos, dos quais se destacam aqueles implicados nas relações de tempo e de espaço, cujo funcionamento se encontra atrelado à unidade narrativa. Desperta nosso interesse também o fato de o linguista (1989, p. 90) referir que a enunciação escrita se situa em dois planos: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem”. Ousamos relacionar de modo muito íntimo essa afirmação à ideia de “forma complexa do discurso”, presente no mesmo parágrafo do texto benvenistiano. Por meio dessa associação, entendemos que a ideia de complexidade pode estar atrelada à ideia de dupla enunciação referida pelo autor ao abordar a enunciação escrita. Relacionamos a noção de “enunciação escrita” aos textos escritos marcados pela citação do discurso alheio, conforme referida por Benveniste: “e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem”. Decorrente dessa associação que fazemos, o conceito de “forma complexa do discurso” se reveste de um novo aspecto: a propriedade de dupla enunciação, na medida em que o locutor enuncia e, no interior de sua enunciação, abre espaço para outros se enunciarem. Se a relação que estamos estabelecendo está correta, entendemos ser possível, também por esse prisma, pensarmos a narrativa como forma complexa do discurso, uma vez que, ao narrar, seja em manifestações faladas ou escritas, o locutor enuncia e tem a possibilidade de convocar ou simular outras enunciações no interior da narrativa construída, como é o caso das vozes de personagens ou protagonistas evocados no relato do acontecimento.

Ao situarmos a narrativa desse modo, faz-se necessário retomarmos a discussão acerca da frase. Anunciamos anteriormente que a frase assume papel importante na reflexão benvenistiana. É

Fenoglio (2019, p. 186, tradução nossa) quem nos lembra: “a frase é estritamente um objeto linguístico para Benveniste – e um objeto difícil, pois é a janela linguística para processar o imprevisível – e não um simples elemento de divisão gramatical”. A mesma autora provoca o analista da linguagem ao questionar como podemos ousar, como linguistas, propor um objeto de análise imprevisível como o discurso, graças a uma língua estruturada, previsível e conhecida por toda uma comunidade. Afirma a autora que foi isso que Émile Benveniste ousou não somente fazer como também explicar, uma vez que “é esta linguagem, sujeita tanto ao constrangimento da língua como à liberdade de qualquer sujeito, esta capacidade de enunciar a partir de um sistema de signos, esta potencialidade de se fazer, a partir de um sistema muito limitado, número de signos e elementos linguísticos, um número imensurável de sentenças, que ‘serve para viver’”. (FENOGLIO, 2019, p. 202, tradução nossa)

É a esse “número imensurável de sentenças” que a criança tem acesso em sua experiência na linguagem. Nessa experiência, a narrativa, como forma complexa do discurso, cumpre, na imprevisibilidade do dizer de cada falante, o papel de atualização do sistema linguístico, na aventura de um eu enunciar, a partir de si, para um tu, o acontecimento evocado. Nessa evocação, estabelece-se a referência, relação da língua-discurso com as “coisas fora da língua”. A criança, assim, ao entrar em contato com as narrativas, acha-se frente à “diversidade infinita dos conteúdos transmitidos, em contraste com o pequeno número de elementos empregados” (BENVENISTE, 1989, p. 140). Entendemos que essa reflexão pode ser melhor compreendida se usarmos um recurso bastante conhecido de grande parte dos estudiosos da Aquisição da Linguagem: a ilustração de nosso raciocínio por meio de um dado, apresentado no recorte enunciativo a seguir, do qual não nos ocupamos neste artigo como objeto de análise propriamente dito, mas, como já referimos, apenas como ilustração do nosso ponto de vista. Trata-se da narrativa de Elena, uma criança de 3 anos e 10 meses de idade, que conversa com a mãe sobre o gato Sebastian. Este dado faz parte do corpus do projeto de pesquisa por nós coordenado intitulado “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”⁴. A transcrição segue normas específicas do projeto de pesquisa e apresenta as seguintes marcações: trilhas identificadas com as palavras **Mãe** e **Elena** (a criança) para apresentação das falas, reticências para marcar pausas, parênteses com explicitação de que a fala da criança é incompreensível para o analista.

Recorte enunciativo

Situação: Elena, 3 anos e 10 meses, conversa com a mãe sobre o estado de saúde do gato Sebastian.

Elena	... do mato e daí a gente vê a vomiteza dele
Mãe	de quem meu amor?
Elena	do Sebastian

⁴ O projeto de pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo, conforme parecer 4.849.264. Sua realização recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs.

- Mãe** o que que ele tem? fala pra mãe
- Elena** uma... uma energia de vomiteza
- Mãe** uma energia de vomiteza? e o que que a mãe tem que fazer pra ele?
- Elena** você tem que ligar pra doutora
- Mãe** hum... e como é que essa energia de vomiteza deu nele?
- Elena** é porque ele come muita ração e depois ele vai (INCOMPREENSÍVEL) no mato
- Mãe** vai no mato fazer o quê, amor?
- Elena** comer coisa ruim e depois vai vomitar
- Mãe** ahh daí dá uma energia de vomiteza nele
- Elena** sim
- Mãe** oora... tadinho do Sebastian
- Elena** é mesmo

Fonte: a autora

Nossa intenção, ao olharmos para esse recorte enunciativo, é ilustramos a realização de “um número imensurável de sentenças” que podem surgir na narrativa, forma complexa do discurso, a partir de um número limitado de unidades. Para tanto, voltamo-nos para a expressão “uma energia de vomiteza”, no relato apresentado pela criança acerca do distúrbio estomacal do gato Sebastian. O uso dessa expressão reveste o acontecimento de um novo sentido. Ao produzir a combinação sintagmática “uma energia de vomiteza”, Elena convoca, na sua narrativa, a denominação própria da vida fantástica das personagens que habitam alguns desenhos animados. A referência, portanto, é atualizada na sintagmatização do discurso, por meio da qual a criança estabelece relações novas e imprevisíveis a partir de formas já conhecidas. Encontram-se aí a referência à particularidade da situação, assim como a atitude do locutor que se apropria das formas e sentidos da língua para singularizar seu emprego na narrativa. Nesse jogo de formas e sentidos, comparece o sufixo “eza”, peça-chave para o sentido atualizado na narrativa pela criança. Assumindo seu lugar neste jogo, Elena dá mostras da atitude do locutor, abre as portas, via ato enunciativo de narrar, para um mundo à parte, no qual as personagens são acometidas por determinadas energias, às vezes de caráter positivo, tais como “esperteza”, “firmeza”; em outras, de caráter negativo, como “lerdeza”, “fraqueza”. Logo, é no exercício do discurso que Elena estabelece novos conteúdos, novas referências na mediação com o

outro, e faz isso a partir de elementos já dados e conhecidos da língua, renovados⁵ na complexidade e na imprevisibilidade da narrativa produzida.

Em Silva, Oliveira e Diedrich (2020, p. 265), os autores salientam que, para Benveniste, “o reconhecimento de unidades/signos da língua pelo locutor, no início da aquisição, ocorre em sua incessante atividade de linguagem em todas as situações. É por aí que a criança pode reconhecer/ abstrair as formas como constituidoras de sentidos no sistema”. É justamente o que ocorre no universo das narrativas vivenciadas pela criança, como vimos no recorte enunciativo.

Para melhor entendermos o que estamos propondo como contribuição para a Aquisição da Linguagem, é importante que especifiquemos o que constitui a perspectiva aquisicional enunciativa, conforme propõe Silva (2009). Nessa perspectiva, segundo a autora (2009), a criança se instaura em sua língua materna a partir de três operações, as quais revelam determinadas mudanças de posição. São essas mudanças de posição que caracterizam o ato de aquisição da língua. Cabe aqui explicarmos que os pesquisadores dessa perspectiva têm usado, em seus trabalhos mais recentes, a expressão “aquisição da língua” e não “aquisição da linguagem”, uma vez que entendem, com base nas concepções de linguagem e língua advindas dos trabalhos de Benveniste (1989, 2005), que a criança está desde sempre na linguagem, uma faculdade humana, e que, portanto, o que ela adquire é a língua. Discorremos, a seguir, acerca de cada uma das operações enunciativas propostas por Silva (2009).

A primeira delas, uma macro-operação de caráter geral e necessária para a aquisição, é a operação de preenchimento de lugar enunciativo. O preenchimento de lugar na estrutura enunciativa se dá a partir do outro, na dependência do *tu*, uma vez que a criança inicialmente é convocada pelo outro a comparecer na linguagem. A mudança efetiva de posição se dá porque a criança passa de convocada a convocar o outro, o que indica a passagem de um preenchimento de lugar enunciativo a partir do outro para o reconhecimento do efeito que esse lugar preenchido provoca no outro. Por essa razão, Silva (2009) faz menção à mudança de um estado de conjunção (*eu-tu*) para um estado de disjunção (*eu/tu*).

A segunda operação que entra no jogo da aquisição é a operação de referência, entendida como aquela decorrente do exercício do discurso, quando os signos, enquanto entidades genéricas, são utilizados como palavras para noções sempre particulares. Há, na vivência dessa operação, a passagem de uma referência mostrada, a qual se apoia na situação de enunciação imediata, para uma referência constituída no discurso, cujo apoio advém do próprio discurso.

Por fim, a terceira operação trata da inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Nessa operação, encontram-se implicadas as formas de pessoa, espaço e tempo, por meio das quais a criança estabelece relações enunciativas mais elaboradas com os acontecimentos, como a retomada de eventos passados, a projeção de acontecimentos futuros ou a simulação de acontecimentos imaginados.

Para melhor entendermos como situamos o estudo da narrativa em relação a essas operações, voltamos ao recorte enunciativo e à narrativa de Elena.

⁵ Ao marcarmos o prefixo *re* com itálico, lembramos que, na perspectiva enunciativa benvenistiana, segundo registrado por Dessons (2006), a a linguagem envolve uma permanente renovação do dito, jamais mera repetição.

Ao narrar o acontecimento envolvendo o gato Sebastian, a criança preenche o lugar enunciativo ao assumir o dizer da narrativa a partir de si. Certamente o dizer de Elena é, em certa medida, dependente da convocação da mãe, no entanto, a criança se presentifica, à sua maneira, na enunciação, mobilizando as formas da língua no discurso na busca de cumprir o propósito da narração do acontecimento. Nesse movimento, a criança vivencia a realidade da língua e se depara com a arbitrariedade do signo, a relação forma-sentido e a integração de unidades no discurso via sintagmatização, como destacamos na análise da expressão “energia de vomiteza”. É nessa vivência que se dá a operação de referência: a criança constitui referências na língua-discurso, particularizando as formas da língua em seu dizer. Dessa forma, ocorre a terceira passagem: de um uso em que se inscreve como sujeito para um uso de dupla enunciação. Ao narrar o acontecimento envolvendo o gato Sebastian, Elena dá mostras de sua historicidade na linguagem, marcada por sua relação com outros discursos, característicos dos relatos fantásticos de personagens cujos atos são revestidos de energias mágicas originárias de episódios que se dão a conhecer nas florestas, ou, no caso de Sebastian, nos “matos”.

Com base nessas operações propostas por Silva (2009) e nos estudos que temos feito sobre o ato enunciativo de narrar na trajetória da criança na linguagem (Cf. Diedrich, Golembieski e Boldori, 2023), entendemos que, ao narrar, a criança transita entre mundos que se presentificam no seu dizer, sejam eles reais ou imaginários, porque, afinal, a realidade é sempre a do discurso. A criança vive esse trânsito a partir das possibilidades que a língua-discurso lhe dá, numa constante reinvenção das formas e dos sentidos, na relação com o outro (operação de intersubjetividade) e na relação com o mundo (operação de referência). A narrativa, assim, permite à criança inscrever-se na língua-discurso para ocupar seu lugar de dizer na sociedade que narra.

A incursão que fizemos até aqui, partindo dos estudos enunciativos benvenistianos e chegando à perspectiva aquisicional enunciativa de Silva (2009) tem o propósito de retomar os princípios básicos que conduzem nosso olhar na busca de situar a narrativa como tema de pesquisa na área da Aquisição da Linguagem.

Com essa retomada dos principais conceitos assumidos em nosso estudo, seguimos nosso percurso teórico-metodológico para que o objetivo central deste artigo seja atingido: refletir sobre as contribuições que o estudo da narrativa sob enfoque da perspectiva aquisicional enunciativa pode apresentar para a compreensão da historicidade da criança na linguagem, na aquisição da língua materna. Assim, apresentamos, na sequência, algumas constatações derivadas da incursão que fizemos na teoria e que podem ser compreendidas como as contribuições pretendidas.

Dada a potencialidade do tema e dos princípios teórico-metodológicos que o conduzem, temos clareza de que o estudo da narrativa numa perspectiva aquisicional enunciativa contribui para que:

- a) O tema da narrativa seja revisitado, de forma que o analista da linguagem compreenda-o à luz do ponto de vista aquisicional enunciativo, o que afasta a adoção de tipologias ou modelos de narrativas definidos *a priori*.
- b) Tanto a criança como o analista da linguagem lidem com a imprevisibilidade do discurso, na singularidade do dizer de cada criança e na criação de mundos efêmeros que só têm existência no *aqui-agora* da enunciação.

- c) Os movimentos linguístico-enunciativos vividos pela criança na aquisição da língua se deem a conhecer aos olhos do analista, no ato enunciativo de narrar, para o qual concorre a relação da criança com o outro de seu convívio, com a língua mobilizada no discurso e com a cultura.

Considerações finais

Como anunciamos na Introdução deste artigo, nossas Considerações finais assumem um tom prospectivo. À semelhança do que afirma Benveniste (1989, p. 90), ao final de *O aparelho formal da enunciação*, “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso [...]”, também nós acreditamos que, a partir do que esboçamos neste artigo, novas possibilidades de análise das narrativas da criança podem ser assumidas na área da Aquisição da Linguagem. A narrativa concebida como forma complexa do discurso se revela importante manifestação discursiva que propicia à criança tecer redes de relações entre formas e sentidos da língua-discurso. Conhecer essas relações dá acesso, para o analista da linguagem, a um saber sobre a historicidade da criança na linguagem, o que, como vimos, diz respeito à trajetória da criança na aquisição da língua. Por essa razão, nosso olhar projeta trabalhos futuros, os quais encontram no desenho por nós esboçado neste artigo, elementos para pensar temas como o papel das narrativas na ampliação dos horizontes criativos da imaginação da criança; os deslocamentos da criança entre a particularidade do discurso, marcada pela imprevisibilidade, e o geral do sistema, marcado pela estabilidade, no ato de narrar o acontecimento no aqui-agora da enunciação, o que, sem dúvida, aponta para as mudanças na relação da criança com a língua em sua trajetória de aquisição e sua manifestação na complexidade do ato de narrar. Certamente esses temas podem nos dizer muito sobre a criança e sua relação com a língua. Queremos, por fim, deixar claro que não vemos a narrativa apenas como uma entre tantas outras manifestações enunciativas da criança. Em nossa abordagem, a narrativa ocupa papel fundante do sujeito na linguagem, uma vez que, ao narrar, criam-se e reciam-se mundos na referência sempre atualizada pela criança na relação com o outro.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2236.R>

Editoras

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Afiliação: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Afiliação: Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Alessandra Jacqueline Vieira

Afiliação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3216-6107>

Avaliador 2: José Temístocles Ferreira Júnior

Afiliação: Universidade Federal Rural de Pernambuco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8679-5726>

AVALIADOR 1

Este parecer contempla alguns aspectos de avaliação da qualidade do trabalho, tais como título, resumo, introdução, métodos, resultados e generalidades, conforme diretrizes de avaliação da revista.

Considera-se, de início, a relevância do texto para a área de Aquisição da Linguagem e para os estudos na perspectiva aquisicional enunciativa. Trata-se de um texto bem escrito, com ótima linguagem acadêmica e de caráter original.

Título

Considera-se o título adequado ao conteúdo do artigo. Ele reflete as discussões realizadas no texto e a conclusão do estudo.

Resumo

O resumo está bem organizado, contendo o objetivo, relevância do tema e alguns resultados finais.

Sugere-se inserir que há a análise de um dado enunciativo, ainda que ele seja apenas um exemplo ilustrativo, uma vez que ele contribui para os resultados finais delineados.

O resumo é sucinto, claro, compreensível e coerente com as discussões realizadas ao longo do artigo.

Introdução

A introdução também é coerente e traz os objetivos descritos no resumo.

Todas as sequências das afirmações, na introdução, conduzem diretamente à finalidade do estudo.

Sugere-se apenas, logo de início, dissertar (ainda que bem sucintamente) o que se entende por “historicidade da criança na linguagem”. Fica mais claro após a análise do dado, mas, como faz parte do objetivo tecer uma reflexão a respeito do conceito, seria importante que isso fosse esclarecido logo no início.

Métodos

Trata-se de uma reflexão “sobre as contribuições que o estudo da narrativa sob enfoque dessa perspectiva pode apresentar para a compreensão da historicidade da criança na linguagem, o que envolve a aquisição da língua materna”.

Nesse sentido, o estudo é teórico, mas traz um recorte enunciativo como base para essas reflexões. Tal recorte ilustrativo auxilia nas considerações a respeito do tema abordado. A autora parte das concepções de Émile Benveniste (teoria enunciativa) e Silva (perspectiva aquisicional enunciativa) para tecer suas considerações.

Resultado

Os resultados apresentados vão ao encontro do objetivo proposto pela autora. Tais resultados trazem contribuição para área, especialmente ao considerarmos o tema da narrativa nos estudos aquisicionais com foco na teoria enunciativa benvenistiana.

Generalidades

As considerações e os resultados são coerentes com as ideias desenvolvidas ao longo do texto. A autora estabelece uma excelente relação entre a teoria e os resultados encontrados. A discussão é bastante rica e traz ótimas contribuições.

A autora, ao discutir outras teorias, traz um novo olhar, votado para a teoria aquisicional enunciativa, algo que, de acordo com o artigo, é inédito no que diz respeito aos estudos sobre a narrativa.

Ademais, reitera-se que texto está bem escrito, sendo os tópicos e as normas do periódico bem cumpridos ao longo do texto. Todas as citações estão referenciadas de acordo com as regras da ABNT.

Sugestões finais:

- Direcionar a pesquisa para um futuro, explicitando os novos encaminhamentos da pesquisa.
- Arrumar alguns espaços entre palavras surgiram em alguns lugares no texto.
- Rever/corrigir os trechos:
- “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”
- “Nossa intenção, ao olharmos para esse recorte enunciativo, é ilustramos a realização de “um número imensurável de sentenças” que podem surgir na narrativa”
- “Em Silva, Oliveira e Diedrich (ANO, p. 265), os autores salientam que, para Benveniste, “o reconhecimento de unidades/signos da língua pelo locutor, no início da aquisição [...]”

- “À semelhança do que afirma Benveniste (1989, p. 90) ao final de *O aparelho formal da enunciação*, “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso [...]”, também nós acreditamos [...]”.

AVALIADOR 2

O artigo busca discutir o papel da narrativa na aquisição da linguagem a partir de uma perspectiva enunciativa. Nesse sentido, a reflexão revisita a visão saussuriana de língua como sistema de signos e a abordagem de Benveniste sobre a relação forma e sentido na língua-discurso. As análises do recorte enunciativo apresentam uma reflexão bastante autoral com contribuições para consolidação da perspectiva enunciativa sobre os estudos da aquisição da linguagem. O parecer recomenda a publicação do artigo.

Conflito de Interesse

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela [Equator Network](#), considero que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

DE LEMOS, Claudia Tereza. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Atas do III Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, p. 9-28, 1995.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.

DIEDRICH, Marlete Sandra. O ato enunciativo de narrar: a constituição do indivíduo na sociedade. In: ROSÁRIO, Heloisa Monteiro Rosário; HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.). *Leituras de Émile Benveniste* [recurso eletrônico. Porto Alegre: Zouk, 2022.

DIEDRICH, Marlete Sandra; GOLEMBIESKI, Gabriela; BOLDORI, Ana Carolina. O papel das narrativas na aquisição da língua: deslocamentos enunciativos da criança que narra. *Revista Desenredo*, 19(2), 2023. Disponível em <https://doi.org/10.5335/rdes.v19i2.15175>. Acesso em: 25 out. 2023.

FENOGLIO, Irène. Proposition, phrase, énoncé chez Émile Benveniste. Proposition, phrase, énoncé. *Linguistique et philosophie*, 6, pp.183-203, 2019, Les concepts fondateurs de la philosophie du langage. Disponible en <https://hal.science/hal-04042988>.

FLORES, Valdir do Nascimento; ENDRUWEIT, Magali. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. *Revista MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Letras*, v. 1, n. 38, p. 196-208, ago. 2013. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1280>. Acesso em: 20 out. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades em Émile Benveniste. *ReVEL*, Porto Alegre, edição especial, n. 7, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/>. Acesso em: 25 out. 2023.

FRANÇOIS, Frédéric. *Enfants et récits: mises en mots et "reste"*. Paris: Presses universitaires du Septentrion, 2004.

LABOV, William. Some further steps in narrative analysis. To appear in special issue of *The Journal of Narrative and Life History*. v. 7, Numbers 1-4, 1997. Available in <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html>. Access 20 Oct. 2023

PERRONI, Maria Cecília. *O desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. *Narrativas infantis sobre experiências vividas: uma questão de representação?* 210 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes; DIEDRICH, Marlete Sandra. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. *Fragmentum*, n. 56, p. 259-280, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/47445>. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra. Das formas embrionárias às formas complexas do discurso: movimentos linguístico-enunciativos da criança na aquisição da língua materna. *Estudos da Língua (gem)*, v. 20, n.1, p.115-140, dez 2022